

Um cara como esse



SÉRIE THE QUEEN'S COVE • VOLUME 1

STEPHANIE ARCHER

STEPHANIE ARCHER

*Um cara
como esse*

SÉRIE THE QUEEN'S COVE • VOLUME 1

Tradução
ALEXANDRE BOIDE

1 9 1 9

Sumário

Capa

Folha de rosto

Sumário

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos

Para Tim

AVERY

“Avery, a mesa quatro não gostou da entradinha e quer falar com a gerência.”

Levantei os olhos no escritório minúsculo. Max, o bartender do restaurante, estava recostado no batente, vestindo a calça jeans e a camiseta pretas que os funcionários daqui sempre usavam.

“Algum problema com a comida?”, perguntei. Reclamações eram raridade. Nosso chef era um craque. O pessoal da cozinha formava um timaço. A equipe inteira era de primeiríssima linha, desde a recepção e o serviço das mesas até a lavagem de pratos. Eu tinha contratado cada um pessoalmente.

Max fez que não com a cabeça.

Eu me recostei na cadeira. “Turistas?”

Ele assentiu.

Eu fiquei de pé. “Certo. Deixa comigo.”

“Você vai dar uma cortesia?” Ele deu um passo para trás e me acompanhou enquanto eu ia do escritório para o restaurante.

Sorri. “Claro.”

“Por quê?”

Ao entrar no salão, eu hesitei. Tinha contratado Max no verão anterior como garçom e reparei que o bartender vinha ensinando para ele como fazer drinques depois do expediente.

Ele tinha vinte e poucos anos, muita energia e vontade de aprender, então pedi ao bartender para dedicar alguns minutos por dia para treiná-lo até Max dar conta de assumir o bar por um turno. Nunca admiti para ninguém da equipe, mas Max era o meu funcionário favorito. Era ótimo com os clientes, se dava bem com os colegas e demonstrava um interesse genuíno pelo ramo de restaurantes. Naquela noite, ele ia ajudar com algumas mesas.

“Max, nós estamos aqui para proporcionar uma experiência agradável a cada cliente que passa por aquela porta. É para cá que as pessoas vêm quando querem esquecer os problemas, para comemorar uma ocasião, para pôr a conversa em dia com os amigos ou experimentar uma comida diferente.” No corredor que dava acesso ao salão, ouvíamos a animação do restaurante lotado, cheio de gente rindo, conversando e comendo.

Esse som? Era o que alegrava meu coração. Eu sentia como se estivesse fazendo um bem para o mundo.

“Nós queremos que todos saiam daqui mais do que satisfeitos por ter visitado Queen’s Cove e, se for perder cem dólares dando cortesias, por mim tudo bem. É o preço para não irritar os clientes”, eu disse e dei de ombros.

E não seriam cem dólares do *meu* bolso, já que não era a dona. Eu era só a gerente. Mas um dia, quem sabe.

Ele ergueu a sobrancelha, e eu sorri ao notar certo ceticismo.

“Pode ser que eles sejam metidos a besta”, expliquei. “Ou tiveram um dia difícil. O pneu do carro pode ter furado no caminho, ou chegaram tarde no hotel e estavam morrendo de

fome.” Abri o meu sorriso mais convincente. “Então nós vamos mudar o dia deles. Vamos dar uma surra de gentileza.” Eu estreitei os olhos. “Vamos *soterrar* os clientes com a nossa simpatia.”

“Que coisa mórbida. Você sempre vai longe demais nas analogias.”

“Quando eles perceberem o quanto nós somos gentis e prestativos...”, pus a mão no peito, fingindo sentir dor, “... vão sair daqui em sacos de defuntos.”

Ele apontou para mim. “Beleza, então. Muito bem, é você quem manda. Obrigado por dar um jeito.”

“Claro. Conta comigo.” Entrei no restaurante e observei a casa lotada.

Eram oito e pouco da noite, e todas as mesas estavam ocupadas. O restaurante tinha vista para a marina de Queen’s Cove. Num anoitecer de céu claro, o pôr do sol tingia tudo com tons de rosa, laranja e amarelo, mas nesse dia as nuvens tomavam conta, e a chuva começava a cair. Apesar do sol, de tempos em tempos caíam esses temporais. Eu mordi o lábio, observando ao redor e torcendo para que fosse só uma chuva rápida sem vento.

“Olá, sou Avery Adams, a gerente do Arbutus”, me apresentei para a família de quatro pessoas visivelmente contrariadas. Os dois meninos estavam emburrados e inquietos, um tentando puxar o cabelo do outro, com cara de que tinham levado bronca. “Eu vou tirar esses pratos para vocês.” Entreguei a louça ao garçom antes de pôr desenhos de colorir e giz de cera

para os meninos. Eles imediatamente pararam de brigar para se ocupar dos papéis.

Aos trinta e tantos anos, os pais pareciam exaustos e irritados, como é de esperar, ambos com os maxilares cerrados de quem está prestes a discutir.

“Sinto muito que os pratos não estavam do seu agrado. Uau”, falei, olhando para o ombro vermelho da mulher. “Essa queimadura de sol deve estar incomodando. Quer que eu providencie um creme de aloe vera?”

Ela ficou encarando, menos aborrecida. “Hã, claro.” E hesitou. “A gente ia comprar no mercadinho, mas já estava fechado.” Ela fez cara feia e apontou para fora, onde a chuva caía forte. “E agora essa chuva nas nossas férias.”

“Fecharam mais cedo porque hoje é o aniversário de casamento dos donos. Vou buscar o creme, mas enquanto isso, que tal vocês escolherem outro prato que seja do seu gosto? Por conta da casa, pelo inconveniente”, falei com um sorriso.

O marido ficou confuso, antes de se concentrar no cardápio. “Ficamos arrependidos de não ter pedido pizza. A de margherita e de almôndegas.”

Eu assenti com a cabeça. “Ótima escolha. E drinques? O gin com amora é o especial de hoje. A bebida vem de uma destilaria local, e as amoras orgânicas são cultivadas aqui.”

A mulher assentiu, lançando um olhar para os filhos do outro lado da mesa, entretidos em colorir e sobretudo quietos. “Seria ótimo.”

“Pode deixar. Essas férias vão ser ótimas, certo?” Anotei o pedidos, passei o papel para a cozinha e para o bar e voltei ao

escritório para pegar o creme no frigobar. Max riu de mim, mas parou ao perceber como aquela simples aloe vera era capaz de mudar o clima entre a clientela.

“Deixa na mesa quatro, por favor? E pode registrar os pratos e as bebidas como cortesia.”

Ele fez um sinal de positivo e continuou andando.

“Obrigada, Max.”

Fiquei olhando do canto do salão enquanto ele entregava o frasco. Os ombros da mulher relaxaram na hora. Max e eu trocamos um cumprimento discreto antes que ele voltasse ao bar. Adorava conquistar clientes dessa maneira. Quando cheguei à mesa, o casal continuava meio chateado, mas também ria e conversava, os filhos não tiravam os olhos da pintura, e suas férias estavam começando a melhorar. A noite deles mudou por minha causa. Eu amava o meu trabalho.

Aproveitei para observar o movimento. Havia uma mistura de locais e turistas. Os donos do mercadinho estavam comemorando o aniversário de casamento na mesa dois. A diretora da escola primária e o marido jantavam na mesa seis. O prefeito, sua esposa e os dois filhos, na mesa oito. Era uma família sempre educada, amigável e discreta. As crianças nunca queriam pintar, só ficavam em silêncio, sorrindo como anjinhos. Bizarro.

O dono de uma construtora estava sentado na mesa onze com um cliente. Eu ri por dentro enquanto via Emmett Rhodes bajular o cara, sorrir e gastar sua lábia. Emmett era o sr. Queridinho, conhecia a cidade inteira, fazia negócios com

todo mundo, sabia que era bonito e como usar isso ao seu favor.

Na mesa doze estava Chuck, o dono de alguns restaurantes, acompanhado da esposa. A mulher olhava a comida com desdém, enquanto Chuck ficava atento a tudo e fazia anotações num caderninho. Eu revirei os olhos. Até ofereceria dicas, mas Chuck não me ouvia.

Apenas turistas frequentavam seus restaurantes, porque os locais sabiam manter distância. A comida não era repugnante, só descongelada e requentada mesmo. Mas eu não o detestava por isso. E sim pela forma de tratar os funcionários. Os homens vestiam jeans e camiseta preta, assim como aqui no Arbutus, mas as mulheres precisavam usar minissaia, cropped e salto alto, num turno de oito horas. Só de pensar nisso, meu sangue fervia. Ele contratava uma garotada recém-saída do colégio, sem experiência nem opções, então elas apenas suportavam aquilo. Fora os boatos de que ficava com parte das gorjetas.

“A mesa doze tá dando trabalho?”, perguntei a Max enquanto ele sacudia a coqueteleira.

“Não. Eles se comportaram direitinho.”

“Bom mesmo.” Vi Chuck de olho no lustre. O que ele poderia estar tramando?

Eu era gerente do Arbutus fazia dois anos e estava com cinco anos de casa, desde o dia em que cheguei à cidadezinha litorânea de Queen’s Cove. Localizada na ilha de Vancouver, no Canadá, entre o mar e a floresta do Noroeste do Pacífico, era o lar de cerca de dois mil habitantes, mas, por suas praias

deslumbrantes e sua mata densa coberta de musgo, sua atmosfera tranquila e as melhores ondas do país para surfar, recebia mais de um milhão de turistas durante o verão. Era início de maio, e os visitantes já começavam a chegar. Em julho, estaríamos a todo vapor.

Eu nasci e fui criada em Vancouver, mas Queen's Cove tinha sido o meu lar nesses cinco anos. Vim para cá sozinha, de férias, e depois de um belo jantar no restaurante com a melhor vista, fiquei apaixonada. As janelas gigantescas revelaram a paisagem pitoresca da enseada e da praia. O piso era de carvalho, e o teto abobadado mostrava as vigas originais da construção. O menu moderno e despretensioso contava com pratos excelentes feitos de ingredientes locais, tudo isso numa atmosfera acolhedora e reconfortante. Eu mencionei o teto abobadado, certo? Ah, meu coração. A proprietária, Keiko, percebeu o quanto fiquei encantada. Nós começamos a conversar, e ela logo estava me oferecendo um emprego de garçoneiro.

Nunca fui impulsiva. Não tomava grandes decisões antes de refletir bastante sobre os prós e contras, mas essa me pareceu a coisa certa de cara, então voltei para Vancouver, fiz as malas e vim para Queen's Cove.

Trabalhei para caramba no restaurante. Dei tudo de mim mesmo sendo apenas uma garçoneiro. Havia algo inexplicável que fazia com que me sentisse em casa. Talvez porque o restaurante havia sido aberto pelos pais de Keiko, recém-chegados no Canadá quando ela era criança. Era um lugar com história. Talvez fosse por causa da catastrófica falência do

restaurante dos meus pais e porque este era o lugar bem-sucedido de que eu sempre quis fazer parte. Ou talvez porque eu amava essa atmosfera, adorava ver os clientes felizes e fazer parte da comunidade.

Os pais de Keiko começaram nos anos setenta. Investiram tudo o que tinham, ela me contou. Ela cresceu num restaurante, assim como eu, com a diferença de que a história de seus pais era de prestígio. Eu não os conheci, porque faleceram alguns anos antes da minha chegada, mas o pessoal me contou as histórias: cumprimentavam os clientes, operavam o caixa e varriam o chão, mesmo quando tinham mais de noventa anos. O Arbutus era resultado do esforço de duas gerações.

E um dia seria meu. Fazia anos que vinha economizando cada centavo para comprar o estabelecimento. Desde criança, sempre soube que seria uma proprietária assim. Me apaixonei pelo corre-corre da equipe, pelos risos, pelo cheiro de dar água na boca. Um restaurante era aonde as pessoas iam para comemorar, para reencontrar velhos amigos e para se apaixonar, e eu precisava ver tudo isso. O negócio dos meus pais não sobreviveu, assim como o casamento deles, mas o Arbutus seria minha chance. Eu jamais cometeria os mesmos erros.

Quando Keiko decidiu a hora de vender, eu fazia a oferta. Ser gerente não bastava, queria virar a proprietária. E trabalhar em algo só meu, onde eu pudesse tomar as decisões e assumir a responsabilidade. Queria estender o legado da família dela criando o meu próprio. Um marco da passagem de Avery

Adams no mundo. Keiko era gentil e solícita — como chefe, me ensinou tudo o que sabia e confiava em mim, mas administrar o negócio não era igual a ser dona. Até lá, eu continuaria juntando meu dinheirinho.

A árvore que dava nome ao restaurante, um árbuto de tronco vermelho e retorcido, ficava diante da porta. Uma espécie nativa da Costa Oeste que servia de cenário para fotos de turistas, como eu via nas caminhadas para tomar um café ou ir à livraria da minha amiga Hannah. Testemunhar isso sempre me fazia sorrir. Os árbutos não eram a única coisa que tornava Queen's Cove um lugar único. O ar também, soprado direto do mar para nossa pequena cidade. O costume de as pessoas cuidarem umas das outras, além de os moradores preservarem a integridade das redondezas. Cadeias de lojas e redes de franquias não tinham alvará, apenas negócios locais prosperavam. Era um lugar perfeito? De jeito nenhum. Nas ruas esburacadas, algumas calçadas estavam se desmanchando, e os vendavais derrubavam coníferas enormes, provocando apagões. Só havia uma estrada que dava acesso à cidade, então um deslizamento ou um acidente na rodovia significavam ficar sem nenhuma rota de saída. Se a neblina estivesse baixa no atracadouro e os hidroaviões não pudessem decolar? Todo mundo ficava ilhado.

“Tá começando a ventar forte”, Max murmurou, de volta ao balcão dos drinques.

Eu me recostei no bar e fiquei observando as ondas arrebatando na praia. *Por favor, chuva*, implorei mentalmente.

Espera mais algumas horinhas, só até a hora de fechar. “Precisa de alguma coisa?” Passei pelo balcão comprido de madeira.

Ele olhou para as bandejas. “Limões, por favor.”

“Deixa comigo.”

Na metade do corredor até a despensa, as luzes começaram a piscar. Soltei um suspiro. As lâmpadas ainda fizeram uma tentativa tímida de se manter acessas antes de se apagarem de vez. Algum cliente gritou, e eu voltei para o salão.

“Está tudo bem, pessoal”, falei num tom tranquilizador. Max pôs as velas rechaud nas lamparinas, e a equipe de serviço levou tudo rapidamente para as mesas. “O vento deve ter derrubado uma árvore, ficamos sem energia. Por favor, aguardem sentados enquanto acendemos as velas e aproveitem o clima à meia-luz.”

Eu acabei dando de cara no peitoral sarado do sr. Queridinho, Emmett Rhodes.

“Oi, Adams.” Ele abriu um sorriso, me olhando de cima.

A irritação fez os cabelos da minha nuca se eriçarem, e peguei outro isqueiro debaixo do balcão. “Tô ocupada”, respondi sem fazer contato visual, me concentrando nas velas perto de Max.

De canto de olho, vi o sorriso aumentar. “Precisa de ajuda? Eu sou ótimo em lidar com crises.”

Revirei os olhos. O ego desse cara era gigantesco. Nem sei como coube aqui. Abri um sorriso amarelo, puramente profissional. “É só uma queda de energia, nada de crise. Por favor, volte para sua mesa e aproveite o jantar.” Fiquei atenta a Max cuidando das lamparinas e escutando tudo.

Emmett se ajeitou. “O que você vai fazer à noite?”

Soltei uma risadinha, incrédula. “De novo essa conversa? Sério mesmo? Eu te perturbo no seu trabalho?”

O sorriso dele só crescia. “Quê? Eu não tô perturbando ninguém. Sou bonito demais pra isso.”

Respira fundo, disse para mim mesma. “Emmett.”

Ele levantou as mãos. “Tudo bem, entendi. Vou voltar pra minha mesa.”

Emmett se afastou, e fiquei observando sua silhueta alta.

Quando vi Emmett Rhodes pela primeira vez, ele estava dando um fora numa garota sem o menor constrangimento. Tinha ido ao restaurante para comer rápido, sentado no balcão do bar. Uma mulher mais ou menos da minha idade sentou no banco vizinho, lançando um olhar tão apaixonado que me deu um aperto no peito pelo jeito como ele ficou receoso.

“Escuta só, Heather”, ele falou. Foi impossível não ouvir mesmo de costas. “Você é ótima, mas eu simplesmente não tô interessado. A gente se divertiu, mas foi só isso.”

Ela ficou em silêncio. “O quê?”

“Eu não sou esse tipo de cara. É melhor assim. Não quero mulher, filhos nem nada.”

Ele era o tipo de pessoa que dava para ouvir até do outro lado da cidade, sempre falando, rindo, cumprimentando todo mundo. Um *bajulador*, basicamente. Enquanto eu cultivava um pequeno círculo de amizades, Emmett era amigo da cidade inteira. Sabia tudo sobre todo mundo. Toda vez que eu cruzava com ele no mercado ou na rua, ouvia algo sobre como andavam os negócios ou como estavam os filhos de alguém.

Não soava genuíno, como se ele sempre tivesse segundas intenções.

Max limpou a garganta, dando um sorrisinho.

“Que foi?” Levantei as sobrancelhas.

Ele conteve o sorriso, mas não disse nada enquanto punha as velas em mais uma lamparina.

“Nem começa”, avisei.

“Eu não falei nada.” Ele acendeu outra vela. “Mas não dá pra negar que você gosta de se meter com ele.”

Fiquei boquiaberta. “Foi ele quem começou. Como sempre.”

Max lançou um olhar desafiador. “Humm.”

A ideia de ter algum interesse romântico por Emmett me dava repulsa. Eu já tinha visto como ele tratava as mulheres — paquerador, simpático, charmoso e divertido. Sabia muito bem o que estava fazendo. Aqui no restaurante, eu já o tinha ouvido dizer que não era o cara certo para um monte de mulheres. Ele as atraía e dispensava depois de conseguir o que queria.

Meu pai era assim. O melhor amigo da galera, até mudar de ideia e sumir. O centro das atenções, com quem todo mundo queria conversar. Quando estava de bom humor, era capaz de animar qualquer ambiente, rindo, batendo papo, elogiando as pessoas e alegrando o dia. Quando estava de mau humor, suas nuvens carregadas se espalhavam ao redor, e ele arrastava o resto para baixo também.

Eu apostaria as minhas economias que Emmett era exatamente como o meu pai.

Antes que eu pudesse responder, Max pegou duas lamparinas e saiu andando. Eu ri sozinha antes de olhar para a mesa de

Emmett, que estava em uma conversa séria com um cliente. Ele ergueu os olhos e, quando fizemos contato visual, deu uma piscadinha para mim.

Eu revirei os olhos e voltei às lamparinas.

Não conheci Emmett Rhodes nos tempos de colégio, mas ouvia fofocas direto. Mulherengo, pegador, Don Juan — assim as pessoas o descreveram na época. E eu acreditei. Era um cara de mais de um metro e noventa, magro, mas com o corpo malhado, a pele bronzeada, os cabelos escuros sempre bem cortados e penteados e o maxilar definido. Os olhos eram de um cinza claro, como os dos homens da família Rhodes. O sujeito podia estrelar anúncios de perfume se quisesse. Fazia qualquer roupa parecer alta costura. Nessa noite, ele estava com uma calça jeans preta justa, botas de couro marrom e uma camiseta branca, mas parecia ter saído de um catálogo de alguma loja caríssima. Era uma propaganda de roupas ambulante, porque deixava todas lindas.

Não que eu estivesse interessada. Sim, o cara era um *doppelgänger* do Henry Cavill, mas eu não conseguia chegar a dois metros dele sem revirar os olhos.

Emmett Rhodes era um exemplo do que acontece quando um homem é bonito demais. Fica se achando o dono do mundo. E eu tinha passado os cinco anos anteriores evitando Emmett Rhodes.

Ele gostava de fazer esse joguinho: me chamava para sair, e eu sempre dizia não. Um joguinho de anos. Não que ele gostasse de mim. Ele gostava da conquista. Só ficava no meu pé

porque eu era a única pessoa na cidade imune aos seus encantos.

A vela chamoscou meus dedos enquanto eu mexia na lamparina, e falei um palavrão baixinho. Nada de pensar no sr. Queridinho. Eu tinha que trabalhar.

Em questão de minutos, a luz suave das velas tomou conta do restaurante.

“Precisamos de um gerador”, Max veio me dizer.

“Se você souber onde arranjar o dinheiro, me avisa. A gente tem que se virar como dá.” Apontei com o queixo. “Eu cuido do bar. Você já sabe o que fazer.”

Ele sorriu e saiu de trás do balcão, jogando seu avental para mim. Dei uma olhada nos pedidos e comecei a preparar um whisky sour. Os pedidos continuavam chegando enquanto a equipe ia levando os pratos que saíam da cozinha para as respectivas mesas. Num canto do restaurante, Max apoiou o violão no joelho. Ele começou a tocar, e os clientes sorriram. Postei nas nossas redes sociais uma foto que tirei discretamente da performance.

Sem energia elétrica, mas nada é capaz de impedir que todos tenham uma ótima noite no Arbutus. Enfiei o celular no bolso e voltei a me concentrar nas bebidas.

No verão, a energia caía mais ou menos uma vez por mês, enquanto a média de apagões era de no mínimo uma vez por semana no inverno. Não dava para fechar as portas toda vez, ou ficaríamos no vermelho, então, nos últimos dois anos, tive que bolar formas de manter o funcionamento. O som desligava? Ora, Max era músico, e dos bons. Sem iluminação? Luz de

velas no salão e lampiões a gás na cozinha. Nossa cozinha tinha fogões a gás também. Como não havia previsão de retorno da energia e não queríamos que estragasse o suprimento de uma semana de comida, pouco se estocava na geladeira e no freezer. A filosofia do Arbutus era trabalhar com ingredientes locais frescos, aliás, então isso não era problema.

Nós dávamos um jeito. Independente de qualquer coisa, nós sempre dávamos um jeito.

Horas depois, quando os últimos clientes foram embora, a equipe de serviço contava suas gorjetas, Max guardava o violão e eu virava as cadeiras sobre as mesas à medida que os funcionários iam saindo. As velas continuavam acesas nas lamparinas, e eu andava pelo restaurante vazio para arrumar e varrer tudo antes de fechar. Há quem não goste de ficar aqui sozinho tão tarde da noite, mas esse era o único lugar onde eu gostaria de estar. Àquela hora, com tudo tranquilo e silencioso, eu me sentia em casa. O restaurante tão charmoso parecia meu nesses momentos.

Um dia, quando eu tivesse dinheiro e Keiko achasse que chegou a hora de vender, o Arbutus seria o meu negócio. Meu legado. A história de sucesso que a minha mãe nunca teve.

Uma leve batida na porta me tirou dos meus pensamentos. Havia passado de meia-noite e estávamos fechados, mas talvez alguém tivesse esquecido o celular ou a carteira embaixo de uma mesa.

O rosto sorridente de Keiko apareceu através do vidro. Ela usava uma capa de chuva amarela e fez um aceno animado para mim.

“Oi, o que você tá fazendo aqui tão tarde?”, perguntei ao abrir a porta. “Você tem a chave. Não precisava bater.”

Ela entrou, e eu tranquei a fechadura. “Não queria te assustar. Sabia que ainda ia estar aqui.”

“Quer beber alguma coisa? Eu posso pôr a chaleira pra ferver.”

“Ótimo.” Ela abriu um leve sorriso quando puxou um banquinho.

Na cozinha, eu pus a chaleira cheia no fogão sob a luz fraca dos lampiões. Keiko não era muito de fazer visitas, mas eu saboreava essas ocasiões, quando ficávamos só nós duas. Outros patrões nunca tiveram tempo ou interesse em me ensinar coisas úteis, mas Keiko me acolheu sob sua asa e transmitiu tudo o que sabia. Quando ela viu que eu dava conta do recado como gerente, foi se afastando do restaurante. Sua filha tinha acabado de dar à luz, então Keiko passava bastante tempo com ela em Vancouver. Eu ainda mandava relatórios financeiros mensais, mas duvidava que fossem conferidos.

Voltei com as canecas de chá. “Então, o que te trouxe ao nosso lindo estabelecimento hoje?”

“Obrigada”, ela falou depois de soprar o vapor da bebida. “Eu queria conversar sobre uma coisa com você.”

“Tá tudo bem?” Franzi a testa e sentei num banquinho. “Você tá bem?”

Ela assentiu com a cabeça. “Não se preocupa, tá tudo bem, ninguém morreu, e eu tenho uma saúde de juvenzinha.”

“Também, fazendo tanta ioga...”

“Todos os dias. Tô pensando em fazer uma especialização.”

“Ah, é? Sério? Você vai virar professora de ioga?”, perguntei, com um sorriso no rosto. Keiko seria perfeita nisso, tão calma e tranquila.

Ela fez que não. “Não, é só divertido continuar aprendendo coisas novas.” Ela respirou fundo e deu um tapinha de leve na minha mão. “Por falar em coisas novas...”

Eu levantei as sobrancelhas. “Humm?”

Ela hesitou, como se não encontrasse as palavras. “Acho que chegou a hora de me mudar pra Vancouver e ficar mais perto de Layla e do bebê.”

Eu pisquei algumas vezes, digerindo a informação. “Se mudar. Uau.” Queen’s Cove ficava a três horas de carro de Victoria, a maior cidade da ilha de Vancouver, e mais três horas de balsa e estrada até onde Layla morava. “Faz sentido. Com certeza é cansativo pegar a balsa o tempo todo.” Fiquei um pouco desanimada com a perspectiva de ver Keiko ainda menos. “Vamos sentir sua falta aqui. Você vai morar com a Layla?”

Ela deu um gole de chá e sacudiu a cabeça. “Não. Na verdade, uma casa no condomínio dela está à venda, e eu gostaria de comprar.”

“Nossa, que sorte. A casa da sua filha é pequena, né?”

Keiko confirmou com a cabeça. “Só dois quartos. Não tem espaço pra mim.” Ela comprimiu os lábios, me observando. Alguma coisa na sua expressão indicava que tinha algo mais a dizer.

“Pelo jeito, não é só essa a questão.”

“Bem”, ela disse, e respirou fundo. “Avery, eu sei o quanto você adora o Arbutus. Sei que é um lugar especial para você, assim como é pra mim.”

“Claro.” Sem a menor sombra de dúvida.

“A casa no condomínio da Layla custa bem mais. O mercado imobiliário em Vancouver está inflacionadíssimo.”

Eu tinha ouvido falar nisso. Até mesmo na ilha os preços estavam em alta. Jovens tinham dificuldade de quitar uma moradia sem o auxílio dos pais. Não que fosse uma preocupação, porque eu não tinha nenhum plano de comprar um imóvel tão cedo. Meu único objetivo era me tornar proprietária do Arbutus um dia.

“Você vai vender sua casa?”

Ela assentiu com a cabeça. “Vão anunciar amanhã. Não vai ser fácil sair do lugar onde morei por trinta anos, mas chegou a hora.” Keiko sorriu. “E vou vender o restaurante também.”

Meu coração disparou. Fiquei surpresa. “Vender o restaurante.”

Ela me observou com atenção. “Essa é a ideia. Meu consultor financeiro acha que é melhor eu vender as duas propriedades para pagar pela nova.” Ela balançou a cabeça de novo, para si mesma. “E eu tô pronta. Chegou a hora de uma nova fase na minha vida, a de avó.” E sorriu.

“Desculpa, mas eu preciso perguntar... pra quem você vai vender?”

“Pra você, se estiver interessada.” Os olhos dela brilharam.

Fiquei boquiaberta. “Claro que eu tô interessada!”

Ela deu risada. Nunca tínhamos falado sobre esse assunto, mas sempre pareceu haver um acordo subentendido.

“Eu achava que você diria isso mesmo.” Ela deu mais um gole no chá e sorriu por cima da caneca. “Fiquei decepcionada quando a minha Layla não demonstrou interesse no restaurante, mas você aparecer aqui foi uma resposta às minhas preces.”

Sentindo meus olhos arderem, eu retribuí o sorriso. Trabalhei no ramo de restaurantes por cinco anos antes de vir para cá, mas nunca tinha encontrado uma mentora como Keiko, que tratava bem os funcionários e ensinou tudo o que eu precisava saber para administrar um restaurante. Ouvir que ela queria que eu comprasse o Arbutus me deixou mais determinada a ser motivo de orgulho.

Mas então repensei. Eu já tinha capital suficiente para obter um empréstimo? Achava que haveria mais tempo. Pensei que Keiko só se aposentaria em cinco ou dez anos. Isso foi uma surpresa, mas eu daria conta. Já fui pega de surpresa muitas vezes e consegui me virar. Eu ia comprar o restaurante, sim.

“Espero que você saiba o quanto amo este lugar, e vou fazer de tudo para que continue sendo um sucesso”, prometi. “Vou ao banco amanhã mesmo. Conversar sobre a possibilidade de um empréstimo.”

“Isso é maravilhoso.” Ela sorriu de orelha a orelha. “Simplesmente maravilhoso.”

Mais tarde, depois do chá e de dar tchau a Keiko, observei uma foto emoldurada no meu escritório, de mim e da minha mãe, fazia mais ou menos vinte anos. Passei o polegar pela

borda do porta-retrato, observando seu rosto jovem e sorridente, cheio de esperança e otimismo. Meu pai tirou essa foto no dia da abertura do restaurante, antes que tudo fosse ladeira abaixo.

Isso não aconteceria comigo. Com certeza não. Ninguém tiraria o controle das minhas mãos. Aprendi a lição vendo o que aconteceu com os meus pais.

Deixei a foto na mesa, fechei tudo e voltei ao meu apartamento minúsculo e horrível. A chuva e o vento haviam passado, e o ar estava com um cheiro de umidade e terra molhada. Eu morava no andar de cima de uma casa a alguns quarteirões do Arbutus. O sobrado havia sido dividido em cinco unidades, e o proprietário costumava alugar para pessoas que vinham trabalhar em Queen's Cove na alta temporada. Abri a porta e acendi as luzes. A uma da manhã, ainda dava para ouvir a música dos vizinhos de baixo. Os veranistas curtiam uma farra.

“Olá, muquifo”, murmurei enquanto deixava a bolsa e as chaves sobre o balcão da cozinha apertada. Eu morava ali desde que cheguei a Queen's Cove e, como o aluguel era barato, não tinha a menor intenção de sair. Mas o preço baixo tinha motivos. Havia mofo no teto, o carpete estava gasto e fino, e eu conseguia ouvir cada suspiro no andar de baixo. E com certeza ouviam meus espirros ou tosses também.

Meu estômago roncou, e lembrei do meu jantar que tinha ficado no balcão do bar. Peguei o celular e pedi uma pizza.

Depois de encher a barriga e tomar banho, fui para a cama. As palavras de Keiko ainda ressoavam na minha cabeça, e cada

dedo, até os dedos dos pés, se contorciam de empolgação. Eu sorri sozinha no escuro. Depois de anos de muito trabalho, eu compraria o restaurante. Era a minha chance, e nada atrapalharia o meu caminho.

EMMETT

Quando cheguei, o canteiro de obras estava a todo vapor. Algumas semanas atrás, a equipe de construção assentava o concreto para as fundações, mas agora com a estrutura de pé, homens e mulheres de capacetes de operário e botas com detalhes de metal carregavam ferramentas e plantas. Em três meses, o lugar abrigaria o novo centro comunitário de Queen's Cove.

“Ei, Emmett”, chamou Sandra, uma das nossas engenheiras. “Holden tá lá no átrio.”

“Valeu, Sandra. E o jogo de ontem, hein?” Eu sorri. Na noite anterior, seu amado time de hóquei no gelo, o Toronto Maple Leafs, havia perdido para o Vancouver Canucks na prorrogação.

“Eu prefiro não tocar nesse assunto”, ela respondeu, fingindo tristeza.

Dei risada e me despedi. Enquanto atravessava a obra, notei o progresso. Ao avistar Holden, agitei os braços para que me acompanhasse lá fora, onde havia menos barulheira.

Meu irmão Holden era o encarregado da construção, enquanto eu cuidava do comercial. Enquanto ele trabalhava no canteiro de obras, supervisionando a equipe e os serviços prestados por empresas terceirizadas, eu ficava no escritório gerenciando as finanças. De vez em quando, havia tarefas para fazer em conjunto, como na hora de fazer uma cotação

substancial ou nas reuniões com potenciais clientes. Holden não era um cara muito agradável. Dos quatro irmãos Rhodes, ele levava o título de mais ranzinza. Wyatt e Finn costumavam ser quase tão simpáticos quanto eu. Quase. Eu tinha mais carisma. Sempre fui assim. Gostava de estar com gente, de conversar, de resolver problemas e de deixar todo mundo contente. Wyatt era dono de uma surf shop e vinha treinando para virar surfista profissional, e Finn era bombeiro, por isso passava muitos verões em outros lugares da província, combatendo incêndios florestais.

Holden e eu ganhamos fama na cidade com a Construtora Rhodes. Muita gente torceu o nariz quando voltei da universidade, com um mba e um diploma em ciências ambientais, e convenci Holden a abrir uma empresa comigo. Dois irmãos, aos vinte e três e vinte e dois anos, fundando uma construtora sem nenhum cliente em vista? Boa sorte. Mas Holden já trabalhava no ramo fazia quatro anos e aprendeu que nossos eventuais concorrentes eram desorganizados e desleixados. Eu sabia como as mudanças climáticas afetariam o planeta, sendo necessário economizar energia e dinheiro. A Construtora Rhodes nasceu a partir desses princípios, e nós não paramos mais. Os primeiros anos não foram fáceis, mas até os mais céticos acabaram convencidos.

Ele tinha mandado uma mensagem naquela manhã com apenas duas palavras: *Me liga*. Eu não fiquei preocupado, porque meu irmão era um homem curto e grosso, fora que a obra ficava no caminho para o escritório, então poderia passar lá sem problema. Nosso negócio agora envolvia mais gente,

mas eu não queria ser só um engravatado que ficava na sede enquanto todo mundo pegava no pesado. Liderança não era isso. Mas, sim, mostrar a cara, conhecer os funcionários e os pormenores do ramo.

“Tá tudo bem?”, perguntei ao tirar os tampões das orelhas.

Ele encolheu os ombros. “A SparkPro não apareceu hoje de manhã, e ninguém atende o telefone.” A SparkPro era uma empresa terceirizada contratada quando nossos eletricitas ficavam ocupados com outros projetos.

Eu franzi a testa. “Cal confirmou que a equipe estaria aqui.” Procurei o e-mail no celular. “Terça de manhã, às sete em ponto. Seis eletricitas.”

Holden ergueu as mãos e encolheu os ombros, como quem diz *Eu não sei o que tá acontecendo*. “Preciso que a fiação seja instalada hoje, ou o pessoal vai ter que fazer hora extra para não perdermos o prazo.”

“Eu ligo pra eles.” Isso já havia acontecido antes. Suspeitava quais eram os motivos, mas não ia dizer nada antes de conversar com Cal.

“Se eles não aparecerem, vou precisar chamar outra empresa.”

“Não chama, não. Vou resolver agora.”

Procurei o contato de Cal.

“SparkPro”, ele atendeu, com sua voz de homem mais velho e fumante, como se a garganta estivesse cheia de cascalho.

“Cal, é o Emmett.”

Ele grunhiu do outro lado da linha. Cal não jogava conversa fora, então fui direto ao assunto.

“A gente estava esperando os seus eletricitas para as sete da manhã”, falei num tom preocupado. “Aconteceu alguma coisa? Ou vai ver eu não recebi algum dos seus e-mails.”

Ao longo dos anos, eu vinha trabalhando com centenas de clientes, funcionários e prestadores de serviços com todos os tipos de personalidade, e aprendi uma coisa: devemos presumir que alguém é inocente até que se prove o contrário. Desconfiava que outro cliente tinha oferecido mais dinheiro a Cal pelos eletricitas naquele dia e que ele convenientemente esqueceu de me contar. Mas aquela era uma mão-de-obra escassa numa cidadezinha como a nossa, precisávamos do pessoal de Cal para pôr nosso trabalho de volta nos eixos.

“Eles acabaram se enrolando.”

“Humm.” Eu saí do caminho enquanto a equipe começava a entrar com as vigas no centro comunitário. “Bom, a questão é a seguinte, Cal, nós precisamos instalar a fiação hoje ou o resto vai atrasar. Demos nossa palavra que íamos passar o serviço a você, e quero cumprir isso. Seu pessoal faz um trabalho de primeira. Não conheço outras empresas nem gosto de trabalhar com gente desconhecida.”

Deixei que ele absorvesse o discurso. Quando estava prestes a perguntar o que mais eu podia fazer, Cal grunhiu em concordância.

“O pessoal chega aí em uma hora”, ele prometeu.

“Você é gente boa, Cal.” Nós nos despedimos e desligamos.

Encontrei Holden debruçado sobre as plantas dos arquitetos. “A SparkPro chega em uma hora. Me liga se não estiverem aqui até meio-dia.”

Ele assentiu. “Obrigado.”

“Sem problemas.” Dei um tapa no seu ombro, com o peito inflado de orgulho. Eu adorava resolver esse tipo de pepino. Adorava evitar o atrito e deixar todos contentes.

Holden se virou para mim. “Esqueci de perguntar, deu tudo certo com o Will de manhã?”

Meu bom humor se desfez como uma bolha de sabão. “Deu.”

Will era meu melhor amigo. Crescemos como vizinhos em Queen’s Cove.

Naquela manhã, Will, sua mulher e Kara, sua filhinha de quatro anos, se mudaram para Victoria, uma cidade a três horas de viagem. Eu sentia um aperto no peito ao pensar nisso. Não era certo.

“Ele e a Nat vão precisar de ajuda com a casa?”

Fiz que não. “Já cuidei de tudo. Os inquilinos entram amanhã.”

Ele assentiu, pensativo. “Que merda.”

“Pois é. Até mais.”

Fui andando para o escritório, em vez de pegar o carro, porque ficava só a alguns quarteirões da obra e eu gostava de circular a pé. Deixei de lado os pensamentos sobre Will e sua família enquanto me aproximava da rua principal, encontrando diversos conhecidos. Cumprimentei a dona da livraria, bati papo com uma professora da época de colégio e parei para falar oi para Keiko, a proprietária de um restaurante local.

“O apagão de ontem à noite causou algum prejuízo? Eu sempre fico com medo de que acabe estragando alguma

máquina na cozinha quando a energia volta com muita força. Eu posso mandar meu pessoal checar se está tudo em ordem.”

Keiko fez um gesto vago. “Ah, sim, tudo tranquilo. A Avery dá conta.”

Pois é. Avery Adams. Dei um sorrisinho ao pensar no quanto ela ficou irritada quando ofereci ajuda.

Avery Adams era uma figura curiosa. Trinta e poucos anos, cabelos castanhos arruivados até a altura dos ombros, num corte bonito todo repicado, e olhos azuis bem vivos, da cor da caneta que eu usava. Um belo corpo. Sorriso maravilhoso, apesar de nunca dirigi-lo a mim, só a outros clientes e aos funcionários. Era gata — gatíssima — e não me suportava, o que só me deixava com mais vontade de conversar com ela.

Só que o problema era que as mulheres não costumavam me considerar irritante. Mas sim divertido, charmoso, prestativo, interessante, bonito...

Irritante, nunca.

Eu não sabia nem qual era meu objetivo com essas provocações. Não estava atrás de um relacionamento nem nada. Não era como Will. Ele sempre foi do tipo que queria uma família, mesmo na infância. Eu? Nem pensar. Tinha meu negócio, meus amigos, meus irmãos e meus pais. Relacionamentos traziam complicações.

Porém, se Avery topasse um lance casual, eu aceitaria na hora.

“Emmett?”, perguntou Keiko, e percebi que eu tinha dado uma viajada. “E Kara, como está?”

“Quem?”

“Kara. Como ela está lidando com a mudança?”

Senti um novo aperto no peito, imaginando Kara crescendo em Victoria, longe dos avós e das pessoas que ajudavam Will e Nat a criá-la. Queen’s Cove era uma comunidade que, de braços abertos, estava disposta a contribuir para o crescimento de Kara, assim como fazia com as demais crianças.

“Ela parecia bem”, eu disse a Keiko, repassando como Will tinha ido embora com o carro hoje cedo, com Nat no passageiro e Kara acenando para mim do banco de trás. “A falta de energia ontem à noite só reforçou a decisão.”

Eu me lembrei do dia em que Will contou sobre a doença de Kara, a falência renal que a pôs na hemodiálise até a equipe médica encontrar um doador. Foi uma noite horrível. Sentei com Will na mesa da cozinha de sua casa enquanto ele se consolava numa garrafa, algo nada do seu feitio. Não era justo, mas não havia nada a ser feito.

Achei que eles lidaram bem com a hemodiálise. Longe do ideal, os dois estavam suportando a situação. Mas então Nat deu a entender que os apagões eram um estresse a mais na vida já de pernas para o ar. Will tinha comprado a casa dos pais, com uma fiação bem antiga. E o gerador acabou danificado por um pico de energia. Não havia como solucionar o problema e, no fim, eles acabaram desistindo.

Senti todo o peso da frustração no meu peito. Era horrível não poder fazer nada a respeito.

Passei anos construindo um negócio bem-sucedido com o meu irmão. Começamos tudo do zero, e àquela altura eu já estava bem de vida. Tinha trinta e tantos anos, um carro legal e

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Um Cara Como Esse"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).